





causas por seus efeitos, e já que ela é também a ciência das coisas surgidas do primeiro princípio, segundo a definição de Bacon<sup>2</sup>, antes de admitir qualquer primeiro princípio devemos conhecê-lo, sem o que não temos o direito de admitir nem mesmo sua possibilidade. Toda sua explicação se baseia sobre uma admissão isolada, feita para efeitos de argumentação em outubro passado. Foi-lhe dito que nosso conhecimento estava limitado ao nosso sistema solar: portanto, como filósofos que desejam ser dignos do nome, não poderíamos negar nem afirmar a existência do que você qualificou como um ser supremo, onipotente, inteligente, de um tipo *além* dos limites do sistema solar. Mas embora tal existência não seja absolutamente impossível, a menos que a uniformidade da lei da natureza se rompa naqueles limites, nós sustentamos que é altamente improvável. Mesmo assim, rejeitamos de modo extremamente enfático a posição do agnosticismo neste sentido, e com relação ao sistema solar. Nossa doutrina não conhece meios-termos. Ela afirma ou nega, porque só ensina aquilo que sabe que é a verdade. Portanto, nós negamos a Deus como filósofos e como budistas. Sabemos que há vidas planetárias e outras vidas espirituais, e sabemos que em nosso sistema solar não existe coisa tal como Deus, seja pessoal ou impessoal. Parabrahm não é um Deus, mas a lei absoluta imutável, e Ishwar<sup>3</sup> é o efeito de Avidya e Maya, ignorância baseada na grande ilusão. A palavra “Deus” foi inventada para designar a causa desconhecida daqueles efeitos que o homem tem admirado ou temido sem entender, e já que nós alegamos e somos capazes de comprovar o que alegamos – isto é, que conhecemos aquela causa e outras causas – temos condições de sustentar que não há Deus ou Deuses atrás daqueles efeitos.

A idéia de Deus não é uma noção inata, mas adquirida, e nós só temos uma coisa em comum com as teologias – nós revelamos o infinito. Mas enquanto atribuímos causas *materiais, naturais, sensíveis e conhecidas* (por nós, pelo menos) a todos os fenômenos que procedem do espaço, da duração e do movimento infinitos e ilimitados, os teístas atribuam a eles causas *espirituais, sobrenaturais, ininteligíveis* e desconhecidas. O Deus dos teólogos é simplesmente um poder imaginário, *un loup garou*<sup>4</sup> na expressão de d’Holbach – um poder que até agora nunca se manifestou. Nossa principal meta é libertar a humanidade deste pesadelo, ensinar ao homem a virtude pelo bem da virtude, e ensiná-lo a caminhar pela vida confiando em si mesmo, ao invés de depender de uma muleta teológica que por eras incontáveis foi a causa direta de quase toda a miséria humana. Podemos ser chamados de panteístas – de agnósticos, NUNCA. Se as pessoas estiverem dispostas a aceitar e a ver como Deus nossa VIDA UNA, imutável e inconsciente em sua eternidade, poderão fazê-lo e assim manter mais um gigantesco equívoco de denominação. Mas então terão de dizer como Spinoza que não há e não podemos conceber qualquer outra substância além de Deus, conforme aquele famoso e infeliz filósofo<sup>5</sup> diz em sua décima-quarta proposição: “*praeter Deum neque dari neque concipi potest substantia*” – e assim tornarem-se panteístas... Quem, exceto um teólogo formado no mistério e no mais absurdo sobrenaturalismo pode imaginar um ser auto-

---

<sup>2</sup> Francis Bacon (1561-1626), filósofo inglês, grande ocultista, considerado o formulador do método científico experimental moderno. A literatura teosófica o considera o verdadeiro autor das obras assinadas por William Shakespeare. (N. ed. bras.)

<sup>3</sup> A grafia mais usada atualmente é *Ishwara* ou *Ishvara*. (N. ed. bras.)

<sup>4</sup> *Loup-garou* – bicho-papão, em francês: fantasma imaginário que se usa para assustar crianças. (N. ed. bras.)

<sup>5</sup> Benedictus de Spinoza foi perseguido por suas idéias filosóficas mesmo na Holanda do século 17, conhecida por seu clima de liberdade religiosa. Sua principal obra, *Ética*, não pôde ser publicada enquanto ele viveu. Foi acusado de ateísmo e considerado um herege pela comunidade judaica. A décima-quarta proposição mencionada a seguir pelo Mestre pertence à parte I, “De Deus”, do seu famoso tratado sobre a *Ética* (publicado no Brasil pela Ed. Ediouro). (N. ed. bras.)

existente, necessariamente infinito e onipresente, *fora* do universo manifestado *que não tem fronteiras*? A palavra infinito é apenas uma negativa que exclui a idéia de limites. É evidente que um ser independente e onipresente não pode estar limitado por nada que seja externo a ele; que não pode haver nada externo a ele – nem mesmo um vácuo; portanto, onde haverá espaço para a matéria? Para aquele universo manifestado, mesmo que este último seja limitado? Se perguntarmos aos teístas se o Deus deles é vácuo, espaço ou matéria, eles responderão que não. E no entanto eles sustentam que o Deus deles penetra a matéria embora ele próprio não seja matéria. Quando nós falamos da nossa Vida Una, também dizemos que ela não só penetra, mas é a essência de cada átomo de matéria; e que, portanto, ela não apenas tem correspondência com a matéria mas possui também todas as suas propriedades, etc. – conseqüentemente, é material, é a *própria matéria*. Como poderia a inteligência proceder ou emanar da não-inteligência? “ – você insistia em perguntar no ano passado. “Como poderia uma humanidade altamente inteligente, o homem, que é o coroamento da razão, ter evoluído a partir de uma lei ou força cega, não-inteligente!” Mas uma vez que raciocinamos nesta direção, eu posso perguntar por minha vez, como poderiam deficientes mentais congênitos, animais que não raciocinam, e o resto da “criação” ter sido criados ou haver evoluído a partir de uma Sabedoria absoluta, se esta última é um ser pensante inteligente, o autor e governante do Universo? “Como?” diz o dr. Clarke, em seu exame das provas da existência da Divindade. “Deus que fez o olho, não enxergará? Deus que fez o ouvido, não escutará?” Mas de acordo com este modo de pensar eles teriam que admitir que, ao criar um deficiente mental, Deus é um deficiente mental; que aquele que fez tantos seres irracionais, tantos monstros físicos e morais, deve ser irracional ...

... Nós não somos advaitas<sup>6</sup>, mas nosso ensinamento com respeito à vida una é idêntico ao dos advaitas com relação a Parabrahm. E nenhum verdadeiro advaita treinado filosoficamente jamais se definirá como agnóstico, porque sabe que ele é Parabrahm e idêntico em todos os aspectos à vida e à alma universal – o macrocosmo e o microcosmo, e sabe que não há Deus separado dele, nenhum criador, como nenhum ser. Tendo encontrado a Gnose, nós não podemos esquecê-la e transformar-nos em agnósticos.

... Se nós fôssemos admitir que até mesmo os mais altos Dhyán Chohans podem cair em alguma ilusão, então de fato não haveria realidade para nós, e as ciências ocultas seriam uma quimera tão grande quanto Deus. Se há um absurdo em negar aquilo que não conhecemos, é ainda mais absurdo atribuir a ele leis desconhecidas.

Segundo a lógica, o “nada” é aquilo do qual tudo pode ser corretamente negado e do qual nada pode ser corretamente afirmado. Portanto, a idéia, seja de um nada finito ou um nada infinito, é uma contradição em termos. E no entanto, de acordo com os teólogos, “Deus, o ser auto-existente, é extremamente simples, imutável e incorruptível; sem partes, sem figura, movimento, divisibilidade ou quaisquer outras propriedades como estas, que encontramos na matéria. Porque todas estas coisas implicam muito clara e necessariamente finitude em sua própria noção, e estão totalmente afastadas da infinidade completa”. Portanto, o Deus aqui oferecido à adoração do século XIX perde toda qualidade sobre a qual a mente do homem seja capaz de ter qualquer julgamento. O que é isto, na verdade, além de um ser do qual eles não podem afirmar *coisa alguma* que não seja negada instantaneamente? A própria Bíblia deles, no Apocalipse, destrói todas as perfeições morais que eles empilham sobre ele, a menos, de fato, que qualifiquem como perfeições aquelas qualidades que a razão e o senso comum de qualquer outro homem chamam de vícios odiosos e maldade brutal. Mais; quem lê as

---

<sup>6</sup> *Advaita* – escola não-dualista da tradição dos Vedas ou *Vedanta*; foi fundada por Shankaracharia. (N. ed. bras.)

nossas escrituras budistas, escritas para as massas supersticiosas, não encontrará nelas um *demônio* tão vingativo, injusto, tão cruel e tão estúpido quanto o tirano celestial ao qual os cristãos atribuem prodigamente perfeições negadas em cada página da sua Bíblia. Autêntica e verdadeiramente, a sua teologia criou o Deus dela apenas para destruí-lo pedaço por pedaço. A Igreja de vocês é o Saturno da fábula, que tem filhos apenas para devorá-los.

*(A Mente Universal)* – Algumas reflexões e argumentos deveriam embasar cada nova idéia – por exemplo, nós certamente seremos criticados pelas aparentes contradições existentes. (1) Negamos a existência de um Deus pensante, consciente, com base em que um tal Deus deveria ser condicionado, limitado e sujeito a mudança, e portanto *não* infinito, ou (2) se ele for descrito para nós como um ser eterno, imutável e independente, sem partícula alguma de matéria em si, então responderemos que ele não é um ser, mas um princípio imutável e cego, uma lei. E no entanto, eles dirão, nós acreditamos em Dhyán Chohans, ou Planetários (“espíritos”, também), e atribuímos a eles uma mente universal, e *isso deve ser explicado*.

Nossas razões podem ser brevemente resumidas assim:

(1) Rejeitamos a proposição absurda de que pode haver, mesmo em um universo ilimitado e eterno – duas existências eternas e onipresentes.

(2) Sabemos que a matéria é eterna, isto é, que não tem começo, *(a)* porque a matéria é a própria Natureza; *(b)* porque aquilo que não pode aniquilar a si mesmo e é indestrutível existe necessariamente – e portanto não poderia começar a existir, nem pode deixar de existir; e *(c)* porque a experiência acumulada de eras incontáveis e da ciência exata mostra que a matéria (ou natureza) age por sua própria energia peculiar, da qual nem um só átomo está jamais em estado de repouso absoluto, e portanto ela deve ter existido sempre, isto é, com seus materiais sempre mudando de forma, de combinações e propriedades, mas com seus princípios e elementos absolutamente indestrutíveis.

(3) Quanto a Deus – já que ninguém jamais e em tempo algum o viu – *a menos que ele seja a própria essência e natureza desta matéria eterna e ilimitada, sua energia e seu movimento*, não podemos vê-lo como eterno nem como infinito, e tampouco como auto-existente. Nós nos recusamos a admitir um ser ou uma existência da qual não sabemos absolutamente nada; *(a)* porque não há espaço para ele na presença daquela matéria cujas propriedades e qualidades inegáveis nós conhecemos completamente bem, *(b)* porque, se ele é apenas uma parte daquela matéria, seria ridículo sustentar que ele movimenta e governa aquilo de que ele é apenas uma parte dependente, e *(c)* porque se eles nos dizem que Deus é um puro espírito auto-existente e independente da matéria – uma deidade extra-cósmica – nós respondemos que mesmo admitindo a possibilidade de tal impossibilidade, isto é, a existência dele, nós sustentaríamos que um espírito puramente imaterial não pode ser um governante consciente e inteligente, nem pode ter nenhum dos atributos atribuídos a ele pela teologia, e assim um tal Deus se torna novamente uma força cega. A inteligência tal como encontrada em nossos Dhyán Chohans é uma faculdade que pode pertencer apenas a seres organizados ou animados – por mais imponderáveis, ou melhor, invisíveis que sejam os materiais das suas organizações<sup>7</sup>. A inteligência torna necessário o pensamento; para pensar alguém deve ter idéias; idéias supõem sentidos que são físicos e materiais, e como pode qualquer coisa material pertencer ao puro espírito? Se for feita a objeção de que o pensamento não pode ser uma propriedade da matéria, nós perguntaremos: por quê? Devemos ter uma prova inegável

---

<sup>7</sup> Isto é, dos seus organismos. (N. ed. bras.)

desta afirmativa, antes que possamos aceitá-la. Ao teólogo, nós perguntaríamos o que havia para impedir que seu Deus – já que ele é o suposto criador de tudo – dotasse a matéria com a faculdade do pensamento; e quando nos fosse respondido que evidentemente Ele preferiu não fazê-lo, e que esse é um mistério assim como uma impossibilidade, nós insistiríamos em que nos fosse dito por que é mais impossível a matéria produzir o espírito e pensamento do que o espírito ou pensamento de Deus produzir e criar matéria.

Nós não inclinamos nossas cabeças até o pó do chão diante do mistério da mente – *porque já o resolvemos eras atrás*. Rejeitando com desprezo a teoria teísta, rejeitamos ao mesmo tempo a teoria do autômato, que ensina que os estados de consciência são produzidos pela disposição das moléculas do cérebro; e sentimos um respeito igualmente pequeno por aquela outra hipótese – a produção de movimento molecular pela consciência. Então, em que acreditamos? Bem, acreditamos no muito ridicularizado *flogisto* (veja o artigo “O Que é Força, o Que é Matéria”, *Theosophist*, setembro)<sup>8</sup> e no que alguns filósofos da natureza chamam de *nisus*, o movimento ou esforços incessantes embora perfeitamente imperceptíveis (para os sentidos comuns) que um corpo faz em relação a outro – as pulsações da matéria inerte – a sua vida. Os corpos dos espíritos Planetários são formados com aquilo que Priestley e outros chamaram de flogisto<sup>9</sup>, e para o qual nós temos outro nome. Esta essência, em seu sétimo e mais elevado estado, forma a matéria da qual são compostos os organismos dos Dhyans mais elevados e puros, e em sua forma mais inferior ou densa (tão impalpável, no entanto, que a ciência a chama de energia e força) serve como uma cobertura para os Planetários do primeiro grau, o mais inferior. Em outras palavras, nós acreditamos na MATÉRIA apenas, na matéria como natureza visível e na matéria em sua invisibilidade, como o Proteu<sup>10</sup> invisível, onipresente, com seu movimento incessante que é a sua vida, e que a natureza extrai de si mesma já que ela é o grande todo fora do qual nada pode existir. Porque Bilfinger corretamente afirma que “o movimento é um modo de existência que flui necessariamente da essência da matéria; que a matéria se movimenta por suas próprias energias peculiares; que seu movimento é devido à força inerente a si mesma; que a variedade de movimentos e os fenômenos que resultam procedem da diversidade das

---

<sup>8</sup> O texto *O Que é Força, o Que é Matéria?* está publicado no volume quatro de *Collected Writings*, de H.P. Blavatsky. Em *Letters of H.P.B. to A.P. Sinnett*, p. 8, Blavatsky afirma que o texto é de autoria do Mahatma K.H. O flogisto, segundo *O Que é Força, o Que é Matéria?*, constitui de certo modo uma essência da matéria. O Mahatma sugere que ele corresponde a um nível do akasha e tem parentesco com a “matéria radiante” do professor William Crookes (isto é, com a radiatividade e a energia atômica). No mesmo texto, o Mahatma diz: “Os Ocultistas sustentam que a concepção filosófica do espírito e a concepção da matéria devem ter uma mesma e única base de fenômenos, acrescentando que Força e Matéria, Espírito e Matéria, ou Divindade e Matéria, embora possam ser vistos como pólos opostos nas suas respectivas manifestações, são em essência e em verdade apenas um; e que a vida está presente tanto em um corpo morto como em um corpo vivo, na matéria orgânica como na matéria inorgânica. É por isso que, enquanto a ciência ainda está pesquisando e pode continuar pesquisando eternamente para resolver o problema do que é a vida, o Ocultista pode deixar de lado a questão, já que ele alega, com razões tão boas quanto as possíveis razões contrárias, que a Vida, seja na sua forma latente ou dinâmica, está em todo lugar. Que ela é tão infinita e indestrutível como a própria matéria, já que nenhuma das duas pode existir sem a outra, e que a eletricidade é a verdadeira essência e origem da – *própria vida*”. (N. ed. bras.)

<sup>9</sup> *Flogisto* – O termo foi criado por Georg Ernest Stahl em 1729. Joseph Priestley, químico inglês, também trabalhou com este conceito. (N. ed. bras.)

<sup>10</sup> *Proteu* – Na mitologia clássica, um Deus marinho, filho de Oceano e de Tétis. Conhecida o presente, o passado e o futuro, e assumia todas as formas possíveis. (N. ed. bras.)

propriedades, das qualidades e das combinações que são encontradas originalmente na matéria primitiva”, da qual a natureza é o conjunto, e da qual a ciência de vocês sabe menos do que um dos nossos condutores de iaque<sup>11</sup> sabe a respeito da metafísica de Kant.

A existência de matéria, então, é um fato; a existência de movimento é outro fato, e a auto-existência ou eternidade e indestrutibilidade deles constitui um terceiro fato. E a idéia de puro espírito como um Ser ou uma Existência – dê a isso o nome que quiser – é uma quimera, um gigantesco absurdo.

*Nossas idéias a respeito do mal.* O mal não tem existência *per se*<sup>12</sup> e é apenas a ausência do bem; e existe apenas para aquele que é transformado em vítima sua. Ele surge de duas causas e, tanto quanto o bem, não é uma causa independente na natureza. A natureza é destituída de bondade ou maldade; ela segue apenas leis imutáveis quando dá vida e alegria ou manda sofrimento e morte, destruindo o que havia criado. A natureza tem um antídoto para cada veneno, e suas leis possuem uma recompensa para cada sofrimento. A borboleta devorada pelo pássaro se torna aquele pássaro, e o pequeno pássaro morto por um animal alcança uma forma mais elevada. Essa é a lei cega da necessidade e da eterna adequação das coisas, e portanto não pode ser considerada um Mal na Natureza. O verdadeiro mal surge da inteligência humana e sua origem está inteiramente no homem que raciocina e que se dissocia da Natureza. Só a humanidade, portanto, é a verdadeira fonte do mal. O mal é o exagero do bem, produto do egoísmo e da ganância humanos. Pense profundamente e descobrirá que com a exceção da morte – que não é um mal mas uma lei necessária – e de acidentes, que sempre terão suas recompensas em uma vida futura – a *origem* de cada mal, seja pequeno ou grande, está na ação humana, no homem, cuja inteligência faz dele o único agente livre da natureza. Não é a natureza que cria doenças, mas o homem. A missão e o destino dele na economia da natureza é ter uma morte natural provocada pela velhice; salvo acidentes, nem um homem selvagem nem um animal selvagem (livre) morrem devido a doenças. Comida, relações sexuais, bebida, são todas necessidades naturais da vida; no entanto, o excesso delas traz doenças, miséria, sofrimento mental e físico; e estes últimos são transmitidos como os maiores males para as gerações futuras, os descendentes dos culpados. A ambição e o desejo de assegurar felicidade e conforto para aqueles que amamos através da obtenção de honras e riquezas são sentimentos naturais dignos de elogios, mas quando eles transformam o homem em um tirano cruel e ambicioso, um miserável, um egoísta, trazem miséria indescritível para os que estão ao redor dele; e para nações tanto quanto para indivíduos. Tudo isso então – comida, riqueza, ambição, e outras mil coisas que deixamos de mencionar – se torna fonte e causa do mal, seja por causa da sua abundância, seja devido à ausência. Torne-se um glutão, um devasso, um tirano, e você se transforma em um gerador de doenças, de sofrimento e miséria humanos. Deixe de lado tudo isso e você passa fome, é desprezado como um *ninguém*, e a maior parte do rebanho, os seus semelhantes, transforma você em um sofredor a vida toda. Portanto, não é a natureza nem uma Divindade imaginária que devem ser acusadas, mas a natureza humana transformada pelo *egoísmo* em algo mau. Pense bem sobre estas poucas palavras; identifique a causa de cada mal em que você pode pensar e localize a sua origem e terá resolvido *uma terça parte* do problema do mal. E agora, depois de deixar de lado, como é devido, os males que são naturais e não podem ser evitados – e eles são tão poucos que eu desafio todo o conjunto dos metafísicos ocidentais a qualificá-los como males ou a atribuir-lhes uma causa independente – direi a você qual é a maior, a principal causa de cerca de dois terços dos males que perseguem

---

<sup>11</sup> *Iaque* – Animal doméstico tibetano de grande porte, equivalente ao boi. (N. ed. bras)

<sup>12</sup> *Per se* – por si mesmo. (N. ed. bras.)

a humanidade desde que esta causa se tornou um poder. É a casta sacerdotal, o clero e as igrejas; é nestas ilusões que o homem vê como sagradas, que ele deve procurar a fonte daquele sem-número de males, que é a grande maldição da humanidade e que quase domina totalmente o gênero humano. A ignorância criou os Deuses e a astúcia aproveitou a oportunidade.<sup>13</sup> Veja a Índia, veja a Cristandade, o Islamismo, o Judaísmo e o fetichismo. Foi a impostura dos cleros que fez com que estes Deuses passassem a ser tão terríveis para o homem; é a religião que o transforma no beato egoísta, no fanático que odeia toda a humanidade fora da sua própria seita, sem torná-lo em nada melhor ou mais moral por isso. É a crença em Deus e nos Deuses que faz de dois terços da humanidade escravos de um punhado daqueles que os enganam com o falso pretexto de salvá-los. O homem não está sempre pronto a cometer qualquer tipo de maldade se lhe disserem que seu Deus ou Deuses exigem o crime – vítima voluntária de um Deus ilusório, escravo abjeto de seus ministros astuciosos? Os camponeses irlandeses, italianos e eslavos passarão fome, e verão suas famílias famintas e sem roupa, para alimentar e vestir seu padre e seu papa. Durante dois mil anos a Índia gemeu sob o peso das castas, com os brâmanes engordando só a si mesmos com o melhor da terra, e hoje os seguidores de Cristo e os de Maomé estão cortando as gargantas uns dos outros em nome – e para maior glória – dos seus respectivos mitos. Lembre que a soma da miséria humana nunca será diminuída até aquele dia em que a parte melhor da humanidade destruir, em nome da Verdade, da moralidade e da caridade universal, os altares dos seus falsos deuses.

Se for feita a objeção de que nós também temos templos, de que nós também temos sacerdotes e que nossos lamas também vivem da caridade ... que se saiba que os objetos mencionados acima só têm o nome em comum com seus equivalentes ocidentais. Assim, em nossos templos não há um deus ou deuses adorados, apenas a memória três vezes sagrada do maior e mais santo homem que já viveu. Se nossos lamas, para honrar a fraternidade dos *Bhikkhus*<sup>14</sup>, estabelecida pessoalmente pelo nosso abençoado mestre, saem para serem alimentados pelos leigos, estes últimos freqüentemente, em números que vão de 5 a 25.000, são alimentados e cuidados pela Samgha (a fraternidade de monges lamáicos), e a lamaseria atende as necessidades dos pobres, dos doentes e dos aflitos. Nossos lamas aceitam comida, nunca dinheiro, e é nesses templos que a origem do mal é explicada e transmitida para o povo. Lá são ensinadas as quatro nobres verdades – *ariya sacca* –; e a cadeia da causação (os 12 *nidanas*)<sup>15</sup> lhes dá uma solução para o problema da origem do sofrimento e a sua destruição.

---

<sup>13</sup> O Mahatma esclarece mais este tema na Carta 43, primeira série, de *Cartas dos Mestres de Sabedoria* (pp. 103-104). (N. ed. bras.)

<sup>14</sup> *Bhikkhus* – Discípulos, em sânscrito. (N. ed. bras.)

<sup>15</sup> 12 *nidanas* – *Nidana*, em sânscrito, significa *causa* ou *essência*. Os 12 *nidanas* são um conceito fundamental da doutrina budista: o encadeamento de causa e efeito em todo o transcurso da existência, cuja compreensão resolve o enigma da vida. Os doze degraus, segundo o *Glossário Teosófico* de H.P.B., são: 1. *Jati*, nascimento; 2. *Jaramarana*, velhice e morte; 3. *Bhava*, o agente cármico que leva ao nascimento; 4. *Upadana*, a causa criadora de *Bhava*; 5. *Trishna*, amor, seja puro ou impuro; 6. *Vedana*, sensação, percepção pelos sentidos; 7. *Sparza*, o sentido do tato; 8. *Chadayatana*, os órgãos de sensação; 9. *Nama-rupa*, a personalidade; 10. *Vijnana*, perfeito conhecimento de tudo que é perceptível e do encadeamento unitário dos objetos; 11. *Samskara*, ação no plano ilusório; 12. *Avidya*, ignorância. Helena Blavatsky escreveu em *A Doutrina Secreta* que os ensinamentos esotéricos sobre a relação entre os *Nidanas* e as Quatro Nobres Verdades são secretos (Vol. I, item 7 do Comentário à Estância I). (N. ed. bras.)

Leia o *Mahavagga*<sup>16</sup> e tente compreender, não com a mente ocidental preconceituosa, mas com o espírito de intuição e de verdade, o que o ser Completamente Iluminado diz no 1º *Khandhaka*. Permita que eu traduza para você.

“Na época em que o abençoado Buddha estava em Uruvela, às margens do rio Neranjara, quando ele descansava sob a árvore da sabedoria Bodhi, depois de haver se tornado Sambuddha, ao final do sétimo dia, mantendo sua mente fixa na cadeia de causação, ele falou assim: ‘da Ignorância surgem os *samkharas*<sup>17</sup> de natureza tríplice – produtos do corpo, da fala e do pensamento. Dos *samkharas* surge consciência, da consciência surgem o nome e a forma, deles surgem as seis regiões (as seis regiões dos seis sentidos, sendo que o sétimo é propriedade apenas do iluminado); destes surge o contato, deste a sensação; desta surge a ânsia (ou desejo, *kama*, *tanha*), da ânsia o apego, a existência, o nascimento, a velhice, a morte, a aflição, a lamentação, o sofrimento, o desânimo e o desespero. E no sentido inverso, pela destruição da ignorância os *samkharas* são destruídos, e a consciência deles, nome e forma, as seis regiões, o contato, a sensação, a ânsia, o apego (egoísmo), a existência, o nascimento, a velhice, a morte, a aflição, a lamentação, o sofrimento e o desânimo e desespero são destruídos. Assim é a cessação de toda essa massa de sofrimento’.”

Sabendo disso, o Ser Abençoado fez esta afirmação solene:

“Quando a natureza real das coisas se torna clara para o *Bhikshu*<sup>18</sup> que medita, então todas as suas dúvidas desaparecem, já que ele compreendeu qual é aquela natureza e qual a sua causa. Da ignorância surgem todos os males. Do conhecimento vêm a cessação desta massa de infelicidade, e então o brâmane que medita ergue-se dispersando as hostes de Mara como o sol ilumina o céu.”

Meditação, aqui, significa as qualidades super-humanas (não sobrenaturais), ou a condição de *arhat* nos seus mais altos poderes espirituais.

000

Para conhecer a teosofia original desde o ângulo da vivência direta, leia o livro “**Três Caminhos Para a Paz Interior**”, de Carlos Cardoso Aveline.

Com 19 capítulos e 191 páginas, a obra foi publicada em 2002 pela Editora Teosófica de Brasília.

000

---

<sup>16</sup> *Mahavagga* – parte de uma escritura budista. O *Tripitaka*, literalmente “três cestas” em páli, constitui um cânone do budismo hinayana e tem três grandes divisões, uma das quais é intitulada *Vinayapitaka*. *Vinayapitaka* tem por sua vez quatro subdivisões, entre as quais *Khandhaka*. *Mahavagga*, citado pelo Mahatma, é a maior das duas partes que compõem *Khandhaka*. Há alguns anos o *Tripitaka* está sendo traduzido do chinês para o inglês. O empreendimento é de grande vulto e de longo prazo. (N. ed. bras.)

<sup>17</sup> *Samkharas* – termo páli equivalente a *samskara* ou *sanskaras* em sânscrito. Significa germes e tendências cármicas estabelecidos em vidas anteriores. Também pode designar as impressões deixadas na mente pelas ações individuais e pelas circunstâncias externas, e que vão influenciar o futuro a curto ou longo prazo. (N. ed. bras.)

<sup>18</sup> *Bhikshu* – literalmente “discípulo mendicante”, em sânscrito. O equivalente em páli é *bikku*. O termo se refere ao discípulo budista, especialmente dos primeiros tempos. (N. ed. bras.)